Apresentação

Glaucio José Marafon
Marcelo Antonio Sotratti
Marina Faccioli

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

MARAFON, G.J., SOTRATTI, M.A., and FACCIOLI, M. Apresentação. In: MARAFON, GJ., SOTRATTI, MA., and FACCIOLI, M., comps. *Turismo e território no Brasil e na Itália: novas perspectivas, novos desafios* [online]. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014, pp. 15-19. ISBN 978-85-7511-445-2.
<https://doi.org/10.7476/9788575114452.0002>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](#).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](#).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](#).

Apresentação

Glaucio José Marafon
Marcelo Antonio Sotratti
Marina Faccioli

Este livro resulta de um trabalho de cooperação entre o Instituto de Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e o Departamento de Turismo da Universidade Tor Vergata (Roma Dois), objetivando a troca de experiências entre os centros de pesquisas em turismo nos dois países. São apresentados cinco textos de pesquisadores brasileiros e cinco de pesquisadores italianos que certamente contribuem para o debate sobre os temas *turismo e território*, brindando-nos com novas abordagens no Brasil e na Itália. Como resultado, além deste livro, tivemos a vinda da professora Marina Faccioli ao Brasil, que atuou como professora visitante no Instituto de Geografia da UERJ, além da realização de uma mostra sobre Stradelli e seus retratos sobre a Amazônia.

Na primeira parte do livro, “Novos olhares do turismo no território brasileiro”, consta o artigo do professor Marcelo Antonio Sotratti, “Turismo cultural e patrimônio cultural: aproximações e contrastes”, que aborda as estratégias de *marketing* direcionadas à potencialização do patrimônio cultural como atrativo turístico e o fato de que o turismo cultural vem apresentando

resultados satisfatórios nas análises oficiais de organizações voltadas à mensuração dos impactos econômicos e sociais da atividade.

Está também, nessa primeira parte, o ensaio da professora Clara Carvalho de Lemos, “A inserção da variável ambiental no planejamento turístico: por uma abordagem estratégica”, que visa reforçar a necessidade de se buscar formas de inserir a variável ambiental em ações de planejamento do turismo e considera que a pesquisa sobre o tema ainda é limitada. Lemos nos alerta que, apesar de já existir alguma experiência e prática internacionais no que diz respeito à abordagem estratégica dos impactos ambientais do turismo – em especial no âmbito de políticas, planos e programas –, no Brasil essa discussão ainda é recente, dado que o gerenciamento de impactos acontece em momentos tardios; ou seja, o estímulo ao turismo precede o planejamento, e o poder público, geralmente, concentra esforços em minimizar os impactos que o aumento do fluxo turístico causa em áreas naturais, desconsiderando outras consequências inevitáveis que essa atividade pode trazer para uma região, como a pressão sobre o arranjo territorial, a pressão sobre os recursos naturais e as reservas de água, o aumento da produção de resíduos e efluentes etc. Tendo em vista, portanto, a necessidade de pesquisa em abordagens estratégicas na gestão dos impactos negativos da atividade, este trabalho oferece alguns subsídios e reflexões para o tratamento dessas questões, especialmente no contexto brasileiro.

O texto do professor Rafael Ângelo Fortunato, “Turismo solidário: em busca de um conceito”, procura lançar questões para aquecer o debate sobre as potencialidades do turismo em promover transformações sociais por meio de uma reflexão crítica sobre as relações interpessoais permeadas pela ideia de solidariedade, bem como a tentativa de entender como o turismo solidário aparece em sítios eletrônicos no mundo.

O quarto ensaio, “Turismo e saúde: discussão de uma política de saúde do viajante no Brasil”, é de autoria de Vanina

Matos e Christovam Barcellos, que buscaram, junto aos gestores públicos de saúde e de turismo, propostas para efetivar uma política de saúde do viajante no Brasil. O encaminhamento do trabalho se deu por meio de uma pesquisa qualitativa com gestores do setor da saúde e do turismo que atuam no Rio de Janeiro nos níveis municipal e estadual, e gestores do nível nacional, selecionados para uma entrevista sobre a discussão de uma política nacional de saúde do viajante/turista. A amostra não probabilística se constituiu de 16 entrevistas, e os dados foram coletados por meio de um roteiro semiestruturado. Para sistematização dos resultados, foi utilizada a análise de conteúdo de base temática, e a categoria *informação* emergiu para a discussão subdividida em “informação sobre o turista”, “sistema de informação” e “informação para o turista”. Prevalece no aprofundamento da questão, contudo, a falta de informação sobre o turista. Não se conhece seu perfil epidemiológico nem na morbidade, nem na mortalidade. No Brasil, as políticas públicas de saúde têm um sistema de priorização, pensado principalmente com base nos óbitos. A dicotomia de uma política específica ou transversal para o viajante/turista transitou ora pela condição circunstancial de turista, ora pela emergência do controle de fronteiras e o sucesso dos eventos de massa.

Encerrando essa parte, o estudo da professora Amanda Danelli Costa, “História e cultura urbana carioca: a natureza turística do Rio de Janeiro entre a cidade das letras e a cidade maravilhosa”, analisa como a cidade do Rio de Janeiro é, nos dias de hoje, uma imagem vinculada e veiculada exclusivamente aos aspectos positivos da vida – ativa e, sobretudo, contemplativa – na zona sul e no centro da cidade. Entre os anos 1900 e 1930, entretanto, ela foi fruto da intervenção da cidade das letras. Não apenas porque o epíteto tenha surgido nos contos de Coelho Neto, literato muito presente na imprensa carioca, mas porque o estilo de vida corrente nos bairros atlânticos não era – como o mar, a praia, os morros – uma natureza. O que se tornou a forma corrente de frequentar as praias foi ensinado

ao carioca pela coluna “Tracema”, na *Revista da Semana*, entre os anos 1914 e 1917. O aprendizado das sociabilidades na praia foi feito a exemplo das experiências de sucesso dos balneários europeus, visando à associação entre a valorização dos atributos naturais dos bairros atlânticos cariocas e a uma ocupação suntuosa e elegante.

Na segunda parte, “Turismo e desenvolvimento territorial na Itália”, as diversas abordagens se voltam para um denominador comum: a importância do planejamento na dinâmica socioespacial dos territórios. Nesse sentido, o ensaio de Marina Faccioli, “Problematiche territoriali del turismo a Roma: due casi di studio”, se concentra na discussão sobre os novos valores do turismo no território e em suas implicações no processo de planejamento, tomando como referências de análise Castelli Romani, área antiga de Roma em franco processo de renovação urbana, e a tradicional área portuária de Óstia, região que conjuga excepcionais recursos arqueológicos e intensa ocupação de equipamentos balneários.

A análise da professora Paola Nicoletta Imbesi, “Il Lago di Como: i molti turismi di un territorio turistico”, aborda a problemática do desenvolvimento e da expectativa de resultados da implantação do turismo no território frente à complexidade e riqueza socioespacial presente nessa categoria geográfica. Sua abordagem, evidenciando as relações do turismo e território e do território e turismo, é exemplificada com o caso do Lago di Como, região de alta relevância paisagística e territorial no norte da Itália.

A discussão sobre novas formas de planejar o desenvolvimento turístico, desenvolvida pela professora Francesca Spagnuolo no texto “Un nuovo modo di pianificare il processo di sviluppo turistico”, é baseada em duas premissas contemporâneas de se pensar o planejamento turístico: a primeira exige um conhecimento holístico e intenso dos processos territoriais locais; a segunda exige uma programação e organização da atividade a partir das transformações sociais, políticas, econômicas e culturais ocorridas no território em que o turismo se desenvolve. A escala local é evidenciada pela autora

como unidade de análise, interpretação e projeto, devendo orientar os processos de desenvolvimento turístico contemporâneos.

O ensaio de Anna Tanzarella, “La declinazione della sostenibilità al turismo”, aborda as premissas conceituais e os desafios do desenvolvimento turístico frente à necessidade contemporânea de sustentabilidade econômica, social e ambiental da escala local. Essa compreensão permite o avanço e a aproximação do desenvolvimento sustentável ao turismo por meio da denominação “turismo sustentável”, que incorpora valores de equilíbrio ambiental ao crescimento econômico consciente e à ética social e cultural. Sua discussão acerca da busca da sustentabilidade na escala local contribui para a reflexão dos processos de planejamento territorial do turismo e para a formulação de políticas públicas que procuram a inserção competitiva das localidades nos processos globais sem perder suas características paisagísticas, sociais e econômicas que orientaram o desenvolvimento do território.

Por fim, Alessandro Macchia, em “Come spremere acqua dalle pietre: un progetto a 360° – il caso dell’Orto dei Tu’rat come fattore ambientale e turístico”, apresenta um projeto desenvolvido na região italiana de Basso Salento, mais especificamente no Parque Orto dei Tu’rat, que analisa a perda de água e o crescente processo de erosão, desertificação e salinização ocasionado por intensas explorações econômicas no entorno do parque. Por meio de técnicas criativas e tradicionais locais, bem como de experiências de comunidades externas que vivenciaram o mesmo problema ambiental, o Parque Orto dei Tu’rat busca dar uma resposta aos problemas ambientais existentes e ainda demonstrar a importância da requalificação territorial e da integração da comunidade nos processos de gestão local.